CONHECIMENTOS UTEIS.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS.

794 No dia 6 do corrente, os mui distinctos advogados de Lisboa, começaram por meio de uma conferencia solemne o 11.º anno da sua associação.

É mister mui atilado engenho e um zelo sem exemplo, para ter continuado até hoje a existencia proficua e brilhante dessa Associação.

O tempo não tem corrido propicio a instituições de tanto proveito e gloria para a nossa patria, porque o fogo das paixões politicas ateado no coração do maximo numero, cresta até ás raizes quantas arvores de sapiencia se plantem no terreno arroteado pelos arduos trabalhos litterarios.

A Associação dos Advogados bem merece da patria pelo muito que tem feito em beneficio da sua classe, da sciencia do direito e da acção altissima da justiça.

No proximo volume os seus importantes trabalhos, no largo periodo que tem existido, hão de ser assumpto de um dos artigos, que reservamos para a nova serie deste jornal.

Por hoje daremos conta dos trabalhos appresentados na ultima conferencia solemne.

Começou pela leitura do relatorio do 1.º secretario o Sr. Dr. Antonio Joaquim da Silva Abranches. É um trabalho perfeito como todos quantos sahem da sua penna. O advogado que relata com claresa os trabalhos da Associação, que expõe e resume as providencias legislativas, que durante o anno social se referiram ao foro, que dá conta dos mais celebres processos intentados durante esse tempo, que enumera as publicações nacionaes e estrangeiras relativas á sua profissão, e que se publicaram no espaço abrangido pelo seu relatorio, como logico vigoroso, atou estes differentes factos com o forte fio de um raciocicio seguido, e por todos os pontos que tocou, realçou a critica conscienciosa e a justa apreciação das idéas appresentadas. A elegancia e formosura do estylo corre parelhas, com o pensamento de elevada esphera, que domina todo este escripto.

Um reparo lhe devemos aqui fazer, juntando-lhe um agradecimento vindo do mais intimo do coração.

O illustre Secretario deixando-se talvez guiar pelos impulsos da sua alma, quiz animar-nos no empenho que tomamos de revelar ao publico o que padece um preso, na horrivel organisação das nossas cadêas, e fazendo figurar o nosso pobre trabalho no seu relatorio, concedeu ao romance — *O Preso* — uma honra que por certo não merece, e que nós nunca podiamos ambicionar.

Seguiu-se ao Sr. Secretario o Sr. Dr. Antonio Gil, que leu o discurso de abertura. O Sr. Antonio Gil é um advogado de primeira ordem, e um dos nossos mais distinctos escriptores. A *Gazeta dos Tribunaes* contém as incontestaveis provas destas duas subidas qualidades que lhe ganharam já para o seu nome logar honroso nos annaes do Fóro Portuguez. O Sr. Antonio Gil junta a estes meritos não vulgares, o ser um destes poucos homens, apostolos da verdadeira civilisação, que retirados dos combates politicos, esperam na solidão do estudo, porque bata a hora em que Portugal, querendo civilisar-se não contenha em si, senão um só partido, uma só familia, e um povo de irmãos.

Escolhen para thema do seu discurso o artigo da Reforma Judicial, que tolhe a livre defeza do Advogado. O discurso não desmentiu quanto se esperava do illustre orador. Deixando subir os affectos mais puros do seu coração, para as regiões da santa philosophia da rasão eterna, sustentou a liberdade da defensa brilhantemente, e o seu discurso ficou sendo uma obra da sua alma, e um primoroso fructo da sua vasta e avultada erudição.

Com este discurso terminou a sessão, que deu começo ás conferencias em que a nossa Advocacia ceifará novas corôas de duradora gloria.

INSTRUCÇÃO ELEMENTAR. *

III.

795 Mas, se o thesouro não póde actualmente comportar a creação de eschólas primarias de parochia, como sustentaria elle em cada circulo — ou fosse concelho ou comarca judicial, ou qualquer outra divisão — uma cadeira de elementos de ideologia e grammatica — arithmetica — geographia — e historia?

Os direitos adquiridos devem ser muito religiosamente respeitados. Assim o aconselha a rasão: — as conveniencias e a justiça o commandam.

Empregados os parochos em eschólas de parochia, desapparecia logo a maior urgencia das que actualmente ha em cada concelho. E bem organisados os seminarios, — como nos lyceus tambem ha cadeiras de latim, — era uma superfluidade, ou porventura uma inconveniencia, a conservação das que ainda existem d'esta lingua, pelos municipios.

Mas na classe dos professores de latim, muitos estão habilitados a reger a cadeira que ouso lembrar. Entre os de primeiras letras tambem alguns o estarão. Por tanto, d'entre os candidatos concorrentes elles deveriam ser os preferidos para este magisterio. E a lei indemnisaria, facil e convenientemente, a parte restante dos professores desempregados — por exemplo — entre outras disposições beneficas, chamando-os aos empregos que fossem vagando, para que se encontrassem habilitados.

Nas grandes reformas, a bem da sociedade, soffrem sempre, mais ou menos, os interesses individuaes. Mas estes devem emmudecer na presença do bem geral, quando fortemente reclamado pelas circumstancias, pela justiça e pelo direito publico.

As compensações seriam infinitas.

Todavia creio firmemente que esse melhoramento litterario, de grandes e beneficentissimos resultados para a nação, bem póde ser levado a effeito, sem grave offensa de fortunas particulares.

E já temos visto, como com o indicado recurso, elle tambem concordaria com a economia do thesouro. Mas, ainda que a instrucção popular — esse germen de todo o bem — fosse augmentar alguma verba ao orçamento do Estado, parece-nos que se não deveria parar diante d'essa apparente difficuldade.

Quando os encargos que vão pezar sobre a geração futura, se tornam principalmente em sua utilidade,

* Vem do numero 45.

pelo progressivo melhoramento moral, intellectual e material da nação, o defficit não assusta, como quando as verbas que o cauzam, são verbas improductivas e vexatorias para o presente e para o futuro d'esse povo: — como quando, a par de um defficit permanente e accumulado, se não encontra um proporcional desenvolvimento intellectual e industrial, de onde a nação tire, ou possa vir a colher, um resultado lucrativo e glorioso.

Nunca povo algum se queixou, quando viu que a receita do estado foi bem applicada. A imprensa periodica tem apontado aonde se deve lançar a foice da reforma. E o governo, que bem sabe onde estam as excrescencias, bem poderia, se quizesse, com esse resultado de justa e consideravel economia, conservar tambem os actuaes professores primarios, habilitados todavia, em eschólas de districto, para o ensino normal nos concelhos.

A instrucção primaria d'esse modo caminharia, entre nós, á sua perfeição. E o ministerio ou o parlamento que o realisasse, dando juntamente á parte do rendimento publico improductiva tão util applicação, ganharia direito a ser proclamado por presentes e vindoiros, o mais benemerito da patria.

IV.

Mas, com tudo, ainda a instrucção popular, não póde ser considerada em todo o seu complemento, sem o conveniente ensino, que respeita aos lavradores e aos artistas.

Portugal teve o seu seculo glorioso de descobertas e de conquistas; — d'onde, pelos sãos principios d'economia politica, se então elles fossem já patentes, teria podido colher mui proficuos resultados.

A epocha das conquistas, já passou, e oxalá que não volte jámais. — Deus não póde querer que umas nações, vão fundar fortuna, ou grande poderio, sobre lagrimas d'outros povos.

Portugal, hoje, pelo seu esvaecimento, procedido de causas de todos sabidas, não póde competir, na India e China, com a immensa industria e navegação ingleza, que domina toda aquella porção de globo. — A colonisação da nossa Africa, tambem não poderia dar-nos, realmente, vantagens immediatas. ¿ Para onde, pois, nos deveremos nós tornar, mais proxima e vantajosamente, senão para o trabalho productivo dentro do proprio paiz? Deve ser o nosso Brasil.

Bem constituido, organisado e fortalecido o centro, facilmente se descreve o circulo: — facilmente se tiram raios para a circumferencia. — O resto é o menos difficil.

Fomentar toda a especie d'industria, compativel com o nosso solo, deve ser portanto a unica mira, assim do governo, como de todos os que de véras amam a patria: — eis o emprego lucrativo, patriotico e honesto, para onde os capitaes devem ser encaminhados.

Mas, circumscrevendo-me ao assumpto principal, direi que é sabido, que as artes não podem ser nada — absolutamente nada — sem os principios da sciencia, de que ellas são mera applicação.

Um ensino facil e elementar de physica applicada á industria, de chimica industrial, geometria applicada, e de agronomia — tudo em locaes proprios, em dias e a horas opportunas, influiria para logo e poderosamente, sobre toda a industria, elevando-a á perfeição e prosperidade.

Só com uma instrucção especial, o operario e o artista pódem executar artefactos, com a mais calculada e exacta proporção das partes entre si, e em relação ao todo, que possam concorrer no commercio com os dos paizes onde ha essa aprendizagem.

Só com eschólas agronomicas e lavoiras-modelos, tambem em locaes apropriados, a agricultura, entre nós, sairá da *atafona* em que sempre tem girado ronceira. A agricultura innocente e nobre, e n'um torrão de tanta uberdade, por certo que não merece a condemnação de Sysipho. Poucos estabelecimentos de quintas-modelos bastam para ir entretanto vulgarisando a theoria d'esta sciencia, em relação ao solo, clima, atmosphera etc. etc. de cada um d'esses circulos agronomicos. E esta instituição conviria que fosse acompanhada de colonias agricolas, em o interior do paiz; — porque, havendo cá vastos terrenos incultos ou maninhos, a emigração é espantosa.

Só a intelligencia formada pela sciencia, póde, plena e verdadeiramente, utilisar os agentes naturaes d'um paiz para a sua prosperidade e gloria. — A intelligencia com a actividade é a soberana das soberanas do mundo. — Sem intelligencia cultivada para conceber, e sem actividade para produsir e procurar consumo á producção, um povo, em relação a outros com esses dois attributos essencialmente necessarios, seria a triste imagem d'um indigente asqueroso, indolente e despresivel, ao pé d'um senhor rico.

Ninguem ousaria declarar-se auctor de tão vergonhoso contraste. E toda a nação, no uso completo da sua razão e da sua liberdade, o repelliria com indignação.

E tambem sem instrucção popular, o fanatismo e a superstição em uns, e n'outros a impiedade, usurpa sempre o logar da religião. — Isto é uma verdade historica.

Torno pois aqui a dizer — que a imprensa periodica tem apontado aonde se deve lançar o machado reformador; — e que o governo, que bem sabe onde estão as excerescencias, bem poderia se quisesse, com esse resultado de justas e consideraveis economias, instruir tambem o artista e o lavrador.

Eu não tenho feito alluzão a ninguem em particular; lamento o passado e ouso nutrir doce esperança para o futuro.

E qualquer desculpa d'economia n'este ponto capital, só poderá traduzir-se por hedionda sordidez ou má vontade.

Accordado o povo do lethargo em que o tem deixado jazer, dando assim para isso o governo como lhe cumpre o primeiro impulso, então surgirá tudo que depender do alcance popular.

Apparecerão associações agricolas, secundadas por publicações litterarias e especiaes d'esta sciencia.

Os operarios e artistas assim instruidos, irão buscar logo na associação, entre si, a mais segura baze da futura organização do trabalho: — e da força collectiva de toda a sua intelligencia e de todas as suas posses — da discussão, e, por esta, do melhor conhecimento dos seus verdadeiros interesses — tirarão o mais proveitoso antidoto contra a avaresa e a especulação, que o emprezario possa tentar sobre as suas faculdades.

E o capitalista, procurará tambem galardoar o me-

rito dos artistas, repartindo com elles segundo os principios da justiça distributiva, os ganhos da empreza, — depois de dedusido o juro rasoavel de *todos os valores* com que elle entrára.

Não exige certamente a maior urgencia a organisação do trabalho em Portugal, porque a industria se acha ainda muito nascente, e os braços n'ella empregados, não são demasiadamente numerosos; — mas segundo o saudavel aphorismo do — *principiis obsta* — mais val precaver o mal a tempo e com suavidade, que ter de o combater, já tarde e extemporaneamente, com dolorosos causticos.

Da instrucção popular manam todos estes e infinitos outros bens: — e por tanto, quando para tão grandioso fim, seja myster alguma nova addição no orçamento do estado, todo o povo, por certo deslocará até com avidez, uma insignificantissima fracção da sua propriedade, que assim vae converter-se logo no seu maior beneficio.

V.

A instrucção secundaria, além d'outros melhoramentos indispensaveis, é geralmente reconhecido, que carece d'uma prompta reforma no methodo d'ensino. Os antigos compendios, a cuja auctoridade eu consagro profundo respeito, não satisfazem todavia ao estado actual da sciencia. — Alguns illustres professores já teem feito n'este ponto, ensaios a meu vêr, muito uteis e brilhantes. — Mas, havendo estes ensaios encontrado opposição em velhos preconceitos, e, por ventura, tambem em mal intencionados obscurantistas, convem que o governo decrete a uniforme adopção, em todo o reino, de novos compendios, que o conselho superior d'instrucção publica julgar preferiveis.

Por um contrasenso inexplicavel, a instrucção superior, é, a que precedentemente e com mais amplitude tem sido estabelecida, e mais liberalmente dotada em Portugal.

A isso releve-se-me a expressão, chama o antigo rifão — andar o carro diante dos bois. — Porém não é, por certo, a educação propria d'um paiz constitucional.

A Universidade e as Polytechnicas formam um systema d'instrucção theorica superior, que nada por certo, deixa a desejar. — Mas só, depois de creadas todas as necessarias cadeiras d'applicação, só então é, que, em minha muito humilde opinião, se poderá julgar realisado o benefico pensamento, que presidiu á reforma litteraria de 1837.

Em Portugal, onde tudo está por fazer, precisa-se de uma eschóla especial, ou annexa ás Polytechnicas, onde se formem engenheiros civis de todas as classes.

E o quanto e o porque egualmente se necessita um curso administrativo, é uma verdade clara a todas as luzes.

Pessoas d'alta capacidade, assás competentes na materia, crêem na conveniencia d'uma refundição das duas eschólas polytechnicas em uma só, no local mais appropriado, com a creação de todas as cadeiras d'applicação, e tambem com as de veterinaria organisada civilmente, em relação á agricultura; — e que do gremio das duas academias póde bem aproveitar-se illustres professores, mui habeis para o ensino dos differentes ramos da engenharia civil: havendo tambem alguns jovens ultimamente habilitados em Paris.

—

De qualquer modo, porém, que tudo isto se realise — como elle se realise — me congratularei mui sincera e cordealmente. Eu não tenho — nem posso ter em materia alguma — pretenções. — A modestia é o meu regulador. — E esta minha pobre tentativa não leva pois em vista, senão sómente convidar á discussão, sobre o interessantissimo assumpto, as pessoas competentes — e de genio: digo de genio, porque bem póde haver homens versadissimos na materia; e comtudo, tremer ao ouvirem a palavra — reforma. Para taes sustos sem fundamentos, póde mesmo concorrer grandemente, uma organisação physica menos feliz: bem sabido é, como o nosso entendimento e vontade, tambem dependem da primeira sensibilidade, na qual tem parte o corpo.

A reforma que eu anhelo, é reforma toda de paz. Nem o que é tocante ás lettras, se póde conciliar com alguma desharmonia. Sangue horrorisa-me, e lagrimas doem-me n'alma quando são filhas da desgraça.

Ora, que este meu convidar, pareça em si mesmo grande ousadia, isso bem póde ser. Mas, ainda assim, esta ousadia não póde ser filha má de desejos bons, que, ao menos, vão supprindo como pódem a falta de sciencia.

Possa eu, porém, com esta minha ousadia e com estes meus desejos, ser de alguma utilidade á patria.

Se com tudo o não conseguir, consolar-me-hei, ao menos, com ter dado o pouco que tenho.

VI.

E já agora não concluo sem tocar ligeiramente em um objecto, que tambem é de gravissima transcendencia na sociedade.

Fallo da educação da mulher.

A sua influencia na civilisação, póde ser mui benefica e poderosa, como esposa e como mãe.

As impressões da primeira edade, sem duvida pertencem ás mães. Ellas pódem logo adoçar e bem dirigir os instinctos de seus filhinhos, formar-lhes o gosto, e inspirar-lhes, com sentimentos nobres e elevados, os primeiros e os melhores elementos da moral. Mas tudo isto, na verdade, só o faz, ou só póde bem fazel-o, a mulher bem educada. Um observador attento, rarissimos filhos encontrará de mulher ou senhora sem verdadeira educação, que ao tocarem a puberdade, estejam ornados de boas tendencias moraes, de docilidade e de aceio. Este gravissimo defeito, só tardiamente o poderá emendar uma bem accurada instrucção subsequente.

Da docilidade e do aceio manam, inda que o não pareça, muitas vantagens e virtudes.

Bem ponderado, o aceio parece até merecer o quinto logar nas virtudes cardeaes. E com effeito, além das condições hygienicas, elle parece revelar e traduzir um bello modo de existir de alma. Uma alma de rosas, mal poderá vêr-se encerrada em prisões immundas, sem o mais doloroso constrangimento. Mas neste como em todos os mais objectos, não deve, por certo, confundir-se nunca o uso com o abuso.

A docilidade, pela sua parte, predispondo as almas innocentinhas a receber todo o genero de boa cultura, proporciona-lhes, sobre a maior somma de instrucção com a maior economia de tempo, tambem, pelas delicadas maneiras, gloriosa estima geral; — e por es-

ta uma suave influencia individual, na sociedade ou entre os seus vizinhos, tanto mais ampla e valiosa, quanto mais desveladas houverem sido, durante a primeira edade, as inspirações maternas.

Da primeira educação pelas mães, assim geralmente modelada, resultaria uma formosa e util harmonia de mutuo amor universal; — conseguintemente, uma aproximada realidade da doctrina evangelica; e com esta, a mais solida baze da verdadeira civilisação humana.

F. M. Gouvêa Pinto.

(Continúa.)

CHOLERA-MORBUS.

Copiamos da *Presse*, os trechos que se vão ler, de uma carta escripta por um facultativo de Paris, sobre este terrivel flagello, por nos parecer de summa importancia.

---

796 « *Paris 25 de Agosto.* — A cholera de 1848 parece appresentar os mesmos symptomas, que caracterisavam a cholera de 1832, sob o ponto de vista diagnostico; e parece seguir a mesma linha de marcha do oriente para o occidente.

É de presumir que seremos visitados por esta cruel molestia, e é do dever de cada um tomar e sugerir todas as precauções, que podem tender a diminuir este flagello, ou a mitigar os seus effeitos.

Parece reconhecido hoje que a causa principal é um veneno, produsido pelas emanações putridas; e conseguintemente que é pelos orgãos da respiração, e não pelo contacto, que a molestia se introduz no corpo humano, e se propaga rapidamente. O veneno respira-se, e não se inocula.

É pois da maior importancia impedir a formação dos miasmas infectos, que exhalam as aguas sobrecarregadas de materias animaes ou vegetaes em estado de decomposição das ruas ou dos campos.

Era pois urgentissimo que a policia se occupasse desde já em visitar as ruas, praças, mercados, pateos, saguões e cocheiras, que ordenasse sob penas severas, a adopção, pelas auctoridades publicas e pelos donos de predios, de providencias, que tenham por fim estabelecer o maior aceio, livre circulação do ar, e sobre tudo o afastamento *immediato* de todas as materias fetidas, e que tratasse de pôr por obra *desde já* todos os meios, que tornem impossivel a estagnação das aguas, e a formação dos miasmas e emanações morbificas.

Não seria de mais recommendar ao mesmo tempo, no interior das familias, todos os meios de activar e purificar a circulação do ar nas cazas e quartos de dormir, o maior aceio, e grande cuidado na limpeza das cosinhas; emfim um sustento simples e substancial, composto mais de pão e carne, que de frutas, legumes, ou vegetaes, e de um regimo, em uma palavra, proprio para fortalecer o systema animal, evitando cuidadosamente todos os excessos em um ou outro caso.

A camphora nas cazas habitadas, e trazida comsigo, é tambem um bom preservativo contra a infecção.

Estas precauções preparatorias nos tornarão menos sujeitos á infecção no caso da invasão da cholera, diminuirão ao mesmo tempo as possibilidades da invasão, e servirão para lhe attenuar os effeitos.

A doença, que nós chamamos desde 1832 simplesmente *cholera*, é da mesma natureza da que nós chamavamos antes desta epocha *cholera-morbus*: porém a cholera de hoje é a *cholera-asiatica*, que é uma aggravação da *cholera-morbus*, pela violencia do ataque sem annuncios, e pela promptidão com a qual os crueis soffrimentos, que a caraterisam, se desenvolvem e que parecem tornar todo o socorro da arte inutil.

A experiencia tem comtudo felizmente demonstrado, que este flagello não é incuravel: mas é necessario que os remedios sejam tomados a tempo. O perigo está só na demora da applicação dos meios que se teem achado efficazes.

No vosso jornal de 29 de Outubro de 1847, publicastes a carta de um medico, na qual refere, que tendo sido atacado em 1832, durante a noite, pela cholera, e estando só, e não podendo fazer nada, se lembrára de cheirar fortemente um vidro de *ether sulphurico*, que lhe estava á mão, e que, passado algum tempo, sobreviera o calor substituir o frio glacial, e que adormecêra depois. Quando acordou, viu que havia transpirado com abundancia, e que se achava curado.

Ajuntarei a este exemplo outro não menos authentico: um facultativo achando-se só durante a noite, e sendo atacado repentinamente do mal, começou a comer mostarda em pó, que lhe provocou vomitos, aos quaes succedeu uma forte transpiração que o salvou.

O essencial é vencer o frio glacial, e as caimbras, que acompanham o ataque da cholera; e muitas vezes, como nos dois casos citados, a natureza inspira o remedio proprio, ou o meio que offerece possibilidade de cura.

Logo que n'uma familia qualquer pessoa succumbir ao mal, deve-se queimar o vestuario, que elle tinha durante o ataque, as coberturas, lençoes etc., que compunham a cama, pois que estes objectos reteem em si o veneno, cuja evaporação produz a infecção.

Seria bom que todos consultassem uma pequena obra intitulada, *Premiers secours avant l'arrivée du médecin, ou Petit Dictionnaire des cas d'urgence, par F. Cadet-Cassicourt, chez Labé, place de l'Ecole de Médecine.*

Termino esta carta pela receita de um remedio muito simples, e que salvou alguns doentes nos primeiros momentos de um ataque de cholera asiatica.

(*) « Confect. aromat., un gros;
« Mist. Cretae, sept onces et demie;
« Tinct. cinamon. comp., trois gros et demi;
« Tinct. opii, un demi gros.
« Tome-se tres colheres de sopa por intervallos, até que a colica cesse. »

C. V. D.

CISTERNAS PARA GUARDAR O VINHO.

797 Em alguns districtos vinhateiros da França teem-se feito varias tentativas, com o fim de substituir o vasilhame, em que se guarda o vinho, por cisternas, como as que servem para deposito de agua.

Uma commissão da Academia de Mâcon examinou algumas d'estas cirternas.

A maior parte d'ellas era de pedra de cantaria, a qual era junta entre si por meio do cimento romano.

(*) Posemos a receita em francez com o intuito de evitar os erros, que nestes casos podem ser fataes, deixando aos facultativos ou pharmaceuticos o cuidado da sua genuina traducção.

Construida d'este modo a cisterna, enche-se primeiro de agua, por espaço de alguns mezes; no fim dos quaes se extrahe a agua, e póde-se então encher de vinho.

A Commissão examinou, pela analyse chimica, o vinho de algumas d'estas cisternas, e comparou o resultado d'este exame, com o mesmo feito em vinhos da mesma colheita, porém conservados nas vasilhas ordinarias, e não lhes achou a minima differença de um a outro. **

UTILIDADE DOS PRADOS.

798 A importancia da agua, como elemento de producção agricola, não principia a ser bem comprehendida senão ha poucos annos.

Com o fim de mostrar a sua grande vantagem, importa dar publicidade ao que occorrer para se poder avaliar bem a utilidade das aguas.

O congresso agricola (lemos no *Moniteur Industriel*) da associação normanda reuniu-se em Bernay, paiz de gados, e onde a producção das forragens é a base da agricultura. Duas pequenas ribeiras d'aquelle paiz foram recentemente derivadas do seu curso para irem servir para a irrigação. Graça aos numerosos depositos de agua, que ellas alimentam, a quasi totalidade de seus valles está transformada em prados irrigaveis. Estes prados do valor de 2,000 a 3,000 francos o *hectare* antes de serem regados, se allugavam de 120 a 150 francos o *hectare*. Ao presente, depois de se terem tornado irrigaveis, allugam-se por 300 a 400 francos o *hectare* o que tem feito subir a 9,000 ou 12,000 francos o *hectare*: que antes valiam, 2,000 a 3,000 francos.

A força de appresentarmos d'estes exemplos aos nossos leitores, alguns lhes prestarão attenção, e d'ahi provirá lucro para si, e vantagem para o paiz. **

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

Conclusão do manuscripto do Padre Anselmo.

799 Eu vou muitas noites pedir para a porta de dos mais frequentados *botequins* da cidade. Entertem-me a imaginação, o estar vendo e ouvindo alguns dos moços que ahi se juntam.

É bem difficil de avaliar o que será a nova geração, que passados poucos annos estará de posse do paiz: pelo que tenho ouvido não a sei julgar. Uma noite, os copos de ponche circulavam, sem muita interrupção, pelas mãos dos que estavam sentados na mesa que ficava ao pé da porta, eis que um mancebo se levanta, com o olhar afogueado e recita uma poesia desenvolta, na qual o nome da mulher do meu fidalgo por vezes servia de consoante.

Os que o cercavam foram indifferentes ao que disse o seu companheiro; mas, fronteira a esta meza estava outra, em volta da qual se assentavam varios mancebos, mui differentes dos que estupidamente ouviram o que recitára a poesia: pelas suas palavras já eu tinha conhecido, que, apesar de pouco avançados na edade, muito figuravam no mundo.

Quando a poesia se acabou, e que o mancebo batendo no marmore da meza com o copo que sustinha, o fizera em pedaços, já alguns dos seus visinhos estavam perto d'elle. Houve um, que, trazendo outro pelo braço para perto da porta, lhe disse: — « Quem diria que aquelle rapaz era um poeta!... é mister que o tiremos d'aquellas más companhias, que não o comprehendem, e para quem a vida só é a embriaguez e o jogo. »

O que era objecto de muitas attenções respondeu com fortes gargalhadas aos cumprimentos, que lhe dirigiam; mas, quando um lhe observou, que era para lastimar, que harmonias tão suaves servissem para ornar idéas tão ousadas, poz-lhe uma das mãos no hombro, e chamando-lhe — seu amigo — respondeu: « Foi uma mulher... um anjo, que a si mesmo arrancou as azas, quem me fez descrer de Deus, do mundo, e da poesia! »

Benzi-me ao ouvir tanta blasfemia; mas o coração, que anciado me começára a palpitar, assim que ouvi o nome da mulher do meu bemfeitor, mais forte palpitou ainda, quando o mancebo, meio ébrio, começou a contar a sua historia, porque lh'o pediram, e elle mui satisfeito não o soubera negar.

De todas quantas praticas e scenas presenciei do canto da porta, em que pedia esmola, é esta a que mais impressão me fez. Se um dia se publicar, com outras que jazem no meu alforge, muitos as julgarão talvez exageradas: quando o não são; porque eu em quanto deixei escripto n'estas memorias, só copiei a vida sem a inventar.

Mal que o mancebo começou a fallar, foi cercado por muitos dos que estavam no *botequim*; mas logo, não sei por que, reparei, em um homem de mui apurados trajos, que pouco se dava com os que frequentavam a loja, mas que alli vinha varias vezes, e que pelos modos parecia pertencer á mais escolhida sociedade. Ao começar da historia, a mão em que esse homem tinha o charuto que fumava, foi desfallecendo, como se elle estivesse absorto em profunda me-

* Vem do n.º 45.

ditação; depois cruzou os braços, e ficou assim até que arrepellando os bigodes, como quem os afagava, saíu precipitadamente.

Ainda quando a memoria me não falhasse, ser-me-hia impossivel descrever, como ouvi, o que foi contado em linguagem para mim completamente nova. Mas resumirei aqui os factos, que me descubriram a traça d'esses mysterios, que foram ter as suas ultimas ramificações nas enxovias do Limoeiro.

O mancebo contou como, sem o saber, começára a fazer versos, e confessou, que muitas vezes o pensamento lhe saía da mente, rimado e medido, sem que elle soubesse porquê modo: as suas composições eram vagas e extravagantes: descrevia n'ellas o estado da sua vida e da sua alma. Um dia recebeu, tambem em verso, resposta a alguns dos sonhos dos seus desejos, que espalhára no que escrevia: a resposta era escripta por mão de mulher, e assim começou a mysteriosa correspondencia, que fôra causa da partida do fidalgo para a Italia, e de se engeitar na serra de Cintra o fructo de tão culpados amores. A paixão havia-o endoidecido, e sentiu-se caír no abysmo da perdição, quando viu, que havia tentado adornar com as vestes da innocencia a estatua do crime. Havia julgado, que o mundo era o responsavel pelos seus actos culpados, e que a mulher do fidalgo fogiria dos seus palacios, que pareciam encantados, para ír no ermo passar a vida em uma choupana, vivendo com elle e com o filho que ía nascer.

O principio de que o pobre louco chamava a sua felicidade, foi o termo do sonho, que o embriagou por algum tempo, e que ao acabar lhe mostrou cavada aos pés a ruina, que o havia de tragar.

A mulher, por quem se tinha perdido, escreveu-lhe de Cintra, participando que havia morrido o filho tão desejado.

Oito dias depois d'aquella noite horrivel, que eu passei no convento da Cortiça, o mancebo ahi foi ter em uma das mais formosas manhãs do outono peninsular. Levava-o para Cintra o desejo de se aproximar da caza, em que ainda não tinha podido entrar: subiu á serra para desafogar suas magoas: chegando ao convento entrou: depois da minha vezita ainda o antigo moço dos frades não tinha recebido outra. Festejou, como sempre costuma, o recemchegado, e, no auge da sua alegria, ainda pôde descobrir, entre os ramos já seccos e as folhas queimadas por soes de estio, algumas raras flores, que pareciam estar sorrindo para os raios de luz vivificante, com que o astro do dia afagava as suas variegadas pétalas.

O contentamento d'aquelle homem, quando alguem vae ao convento, a sua alegria infantil, são coisas que forçosamente chamam a attenção de todos.

O mancebo começou a conversar com elle, e dentro em poucos minutos, a historia da noite medonha da trovoada, lhe foi tão fielmente contada, como eu aqui a deixo escripta: ainda o caso não ía em meio, quando tirando do bolso uma carta, e vendo uma data, comprehendeu tudo quanto não desejava acreditar. Perguntou pelo pobre que levára a creança: suspeitou que a teria enjeitado, e ficou sem saber o que faria. Foi então, que tomou a resolução de afogar no vinho as suas inspirações, e de queimar na devassidão os ultimos fios que ligavam a sua existencia ao céu, retractado nos primeiros dias da vida!

« Vinho, jogo, e mulheres, exclamou elle chegando a este ponto, foram substituir na minha alma as virtudes, e o amor, que ella despresou... desde então só acreditei no prazer da embriaguez; só tenho esperança no azar dos dados; e fechei o coração á charidade, porque para mim todos padecem menos do que eu! » — E riu tão estrepitosamente, como havia feito quando principiou a fallar, observando com amargo esforço: — « Não pensem que tomo o caso a serio; estou de todo curado, e ainda hontem, aquelles amigos com quem estava, assistiram ao auto de fé em que, além das cartas d'essa mulher, queimei o seu retrato, feito pela minha propria mão, em horas de apaixonado amor, que faziam o milagre de transformar uma simples tendencia da natureza em vocação artistica. »

O desconhecido, que tinha saído, entrou antes do findar da historia, que se contára como vingança.

O primeiro impulso do meu coração, quando ouvi o sentimento santo de amor de pae surgir como uma luz do céu, no meio das chamas infernaes, que se reflectiam na alma do mancebo, foi chegar-me a elle, e dizer-lhe alli diante de todos que o seu filho vivia. Mas assentei que lh'o devia dizer a sós: e mal sabia eu que a minha nova era inutil, porque já a essa hora o innocente tinha desaparecido da quinta em que servia de feitor o marido da pobre, que tanto me commoveu quando a encontrei ao Chiado.

Para não precipitar os acontecimentos; mais

adiante voltarei a este ponto, e agora narrarei como se dissipou a reunião formada no botequim e como a historia se acabou de um modo inesperado. O homem que havia tornado a entrar, dirigindo-se para os ouvintes, que davam mais attenção ao que se estava passando, interrompeu o que elles ouviam com estas palavras. — « Quero que saibam todas as qualidades do heroe que admiram, e que não se recommenda só por um motivo... » — e suffocando a ironia em uma expressão de cholera concentrada, terminou: — « Admiram-no como poeta... appresentou-se-lhe agora como artista e de facto não nego que o seja, pois que é tão eximio nos retratos como nas lettras falsas. »

O accusado quiz fallar, ou antes lançar-se ao seu accusador, mas o furor não lhe deixou sair a voz dos labios, e os que o cercavam não o deixaram dar um passo.

O que estava fallando respondeu. — « E além de tudo, é um rematado doido, que está desacreditando quem nunca viu. Se daqui não fôra para o Limoeiro para lá nos dar conta do crime que fez com perfeito juizo, ainda esta noite dormiria no Hospital. »

Ao findar taes palavras já um official de deligencias que entrára apoz o homem, que acabara de fallar, tinha dado voz de preso ao desgraçado rapaz: como quizesse resistir, chamaram soldados e em breves minutos saiu no meio de uma escolta seguido por muita gente. O que tecêra este desfecho ao sentar-se n'uma banca disse-lhe como despedida: — « Agora me pagarás a lettra. »

Do meio dos soldados o que ía preso só lhe respondeu. — « Escrevi-a com a penna com que fiz o testamento. »

O outro para disfarçar a pallidez em que estas poucas palavras, lhe mudaram a côr do rosto, voltou-se para os que tinham ficado na loja, dizendo: — « Não vêem... está mesmo perdido de todo: » — e depois pediu ponche que offereceu aos que assistiram ao final de tão celebre caso.

Passado alguns dias é que me constou, que este homem era o novo amante da mulher, que tão desapiedadamente mandára engeitar a linda menina, que eu achei.

Quando isto se passou, haveria ainda mezes, que ella se estava creando, e como havia festa mui esplendida na freguezia do logar, em que ficava a quinta em que estava; resolvi ir vêr a minha filha adoptiva. Ao aproximar-me do sitio, causou-me admiração não ouvir repicar os sinos, porque era o dia da grande fest do orago; o meu espanto cresceu, quando dei com a egreja fechada, e vi o adro sem ninguem. Foi entam que me deram a triste nova, de que o parocho fôra morto, porque oppoz a sua auctoridade á violencia de uns homens, que ahi tinham vindo roubar o innocente, que se estava criando.

Tudo me pareceu um sonho. O assassino foi preso e os outros desappareceram, levando a menina, mas ainda não havia noticia da tropa que fôra em seguida. Achei a familia do pentieiro muito afflicta pelo acontecido, e nem sabiam o que me haviam de dizer: eu nada perguntára porque estava tão admirado do que se tinha passado como elles estavam. Saimos em procura da engeitada, mas os nossos esforços foram inuteis, para a encontrar.

Quando voltei para Lisboa, tractei de vêr se no Limoeiro, saberia a causa deste sucesso.

O homem que a justiça acusava de assassinar o parocho, estava em um quarto separado que pagava mui caro, e nunca lhe pude fallar. — Descobri na enxovia um rapaz que fôra creado do meu bemfeitor, e que me pareceu ser o homem que na serra abandonou a creança. — Como tivesse grande confiança em casa, o que eu attribui a que elle sabia todos os segredos, tomou tal ousadia que se perdeu, e tendo entrado na cadêa por desordem saiu de lá com um crime de morte, porque assassinou certo ladrão, que lhe queria roubar o dinheiro com que elle tencionava faser andar o processo. — Apesar de não ser muito esperto, não pude conseguir, que me revelasse coisa alguma, e apenas pude saber, que a mulher do fidalgo tinha ido á Italia e trazido de lá a noticia da morte de seu marido, o qual por testamento feito logo depois de casado a constituia tutora de qualquer filho que houvesse, e pedia ao governo, como recompensa de antigos e leaes servisos prestados ao paiz, por seus nobres avós, que o representante da sua casa fosse agraciado com o mesmo titulo delle testador. O creado além disto só me informou, que a senhora se tinha recolhido para uma das suas quintas mui distante de Lisboa, e que lá tencionava dár a luz o filho, que antes de nascer já era orpham de pae.

O infeliz Paulo informou-me do resto, que me esclareceu tudo. Em quanto julgaram essa mulher distante de Lisboa, andava ella edificando o edificio do seu brilhante futuro, sobre crimes e arrojos inauditos.

Á costa de muitas diligencias vim a saber, que, havendo feito com que o louco, que tanto a amava, imitasse a letra de seu marido, confeccionando um testamento falso, tratou de sepultar

juntamente com o cadaver desse infeliz os segredos que só elle sabia. Assim que lhe constou da perigosa doença do marido, partiu, e para logo imaginou, que o filho que despresava, receando a deshonra, seria o herdeiro de um nome, que lhe não pertencia. Sabendo pelo homem do convento da Cortiça, o acontecido naquella noite horrivel, e que o solitario repetia a quantos lhe fallavam, foi para ella mui facil adivinhar quem era a pobre que o tinha adoptado. O meio de realisar os seus projectos, era obte-lo sem que eu soubesse nada a este respeito. Secretamente se fizeram propostas vantajosas á familia a quem o confiei, aconselhando-lhe, que entregassem a creança em troco de algum dinheiro, e que me mandassem diser, que tinha morrido. Para me não inquietarem guardaram segredo ácerca destes factos, que me contaram depois do rapto, que tanto os assustou. Já tinham antes sido ameaçadas, e a mulher julgou dever communicar tudo ao parocho como recurso supremo naquelles arredores para quantos careciam de conselho.

O santo homem estava á janella, quando depois de ouvir disparar ao longe alguns tiros, viu passar a cavallo dois homens levando um uma creança, que pelo choro desatinado bem se dava a conhecer. Estava luar que parecia dia, e o parocho desceu á pressa a escada, e desconfiando que ía alli mysterio de crime grande, correu para os cavalleiros. Sentindo gente, largaram a toda a brida, e então um dos cavallos caíu com o cavalleiro. O parocho chegou-se a elle, ajudou-o a levantar, e depois pediu-lhe conta da creança, com que o seu companheiro fugira. Debalde o bom pastor placidamente exigia explicação de tão extraordinario successo. Eram-lhe negadas com altivez. Algumas portas das casas, que ficavam á beira da estrada, começaram a abrir-se, quando a altercação tomou corpo, e foi então que não o deixando partir o parocho, o malvado desfechou contra elle uma pistolla; mas não sendo na fuga tão feliz como o companheiro foi preso por alguns dos mais intrepidos habitantes do povoado. Nada confessou, nem tão pouco depois em quanto esteve no Limoeiro.

Era facil de conhecer que o protegia mão poderosa.

Não me custou a conhecer donde vinha o oiro com que lhe compravam o segredo.

Por um facto muito especial, que a ama da creança me contou, descobri os primeiros indicios da causa deste attentado. Havia algum tempo, que aos domingos apparecia na terra uma senhora garbosamente montada em bom cavallo, e acompanhada por um creado sem libré. Ouvia a missa do dia, e não arredava nunca o véo que lhe encobria o rosto. Ao findar da missa, beijava algumas das creanças, que as pobres aldeãs levavam nos braços; mas notaram que sempre se demorava mais afagando a que eu tinha achado na serra de Cintra. Algumas vezes, disse-me a mulher que lhe servia de ama, vi que as pregas do véo se moviam, denunciando um suspiro saído a furto dos labios, que a tinham beijado.

Este facto parece estar em contradicção com tudo quanto se sabe dessa mulher, mas não o quiz occultar aqui, não só por ser verdadeiro, mas porque é mais uma prova do quanto é incomprehensivel o coração humano.

Para os que o não conhecem, será isto um impossivel, mas para os que o tem estudado, como eu, no decurso de uma larga vida, é só um dos symptomas dessa lucta eterna entre o bem e o mal, que serve de constituir a vida.

Quantas vazes, no confessionario, me ajoelharam aos pés peccadores, de quem a alma andava perdida no vicio, e que tinha em si as nodoas de peccados tremendos, e das quaes sahia uma harmonia celeste, quando as palavras do Evangelho saídas da minha bocca íam tocar na imagem de Deus, que o Creador deixou gravado na sua obra, e que mãos impuras pódem occultar, mas nunca desfazer! No que eu escrever sobre este ponto, provarei com bastantes exemplos, como o Ministro da Religião Augusta de nossos paes, póde regenerar a sociedade por meio do tão sublime Sacramento da Confissão, pelo seu effeito, e tão desprezado hoje porque o não comprehendem.

Como aos olhos de Deus os meios não justificam os fins, baldados foram os esforços feitos pela mulher do fidalgo, para possuir a filha, que tinha engeitado: ella e eu a perdemos no mesmo dia. O homem que tinha fugido, para mais ligeiro se escapar á perseguição que lhe fizeram, parece que a deixou pelo caminho escondida; mas não a encontrou quando depois a quiz procurar.

LXVII.

800 Ha perto de tres dias que nem como durmo.

Sinto morrer as forças do corpo, ao passo que se vão extinguindo as faculdades do espirito.

Ando perto da sepultura.

Morrerei sem vêr Margarida!

E vae findar assim tamanho amor. Mas não... Deus não o ha de permittir!

Margarida o amor na terra era pouco para a tua alma de anjo... terás amor do céu... sou martyr, espero salvar-me... e serei teu ainda na eternidade.

Quero acabar de encher esta pagina, e não posso, porque é já quasi um cadaver que aqui traça estas linhas.

É mister acabar o meu testamento de magoas.

Talvez que lhe esteja pondo agora os ultimos sellos.

Custa-me a escrever esta idéa, que me mata, que me endoidece, e que me devora a existencia, quando sinto, como nunca, tamanha sede de vida.

Fui condemnado á morte!

(Continúa.)

CANTO DO ARABE.

(AO MEU AMIGO D. JOÃO DE MENEZES.)

« Les lions sont fiers parce qu'ils sont libres! »

. . . . . .

« Qui ose m'approcher quand je parcours de nuit
les montagnes et la plaine? . . . . . »
« Mon nom doit troubler leur sommeil, si
la terreur leur permet de gouter quelque repos. »
(*Fragmentos do Poema de Antar.*)

301 Sou das orlas do Oriente;
Desta plaga não avara
Nos feitos da forte gente,
Das tribus de força rara;
Sou Arabe e musulmano,
Sou senhor e soberano;
Se me offendem;... sou tyranno
Dos desertos té Sahára.

Destas terras sou eu rei,
Quanto abrange a vista, — é meu:
Quem promulga aqui a lei,
Abaixo de Allá — sou eu.
Treme o Sheike da altiveza
De meus olhos, — da nobreza
Com que fulgem com viveza
Como astro lá no Céu!

Nos divans do meu harem
Tenho formosas sem fim;
Reclinadas com desdem,
A suspirarem por mim,
De seus carinhos sobejos
Adormeço nos desejos,
Emballado pelos beijos
De seus labios de carmim.

E qual louca mariposa
Que namora toda a flôr;
Mas reserva a mais formosa
P'ra beijar com mais ardôr;
Beijo o seio que palpita,
Amo a alma que se agita,
Mas escolho a favorita
P'ra lhe dar o meu amor.

Faço-a rainha, e senhora
D'este ardente coração;
Amo-a tanto, quanto adora
O Propheta o Alcorão;
E baixo a fronte orgulhosa
Sob os seus labios de roza,
Quando os descerra, vaidosa
Como a roza do Japão!

Que m'importa a Europa a mi?
Não tem coizas como cá:
O surgir do Sol aqui,
É differente do de lá;
Lá, não estruge o bulcão,
Nem ha nivos de Leão,
Nem o arabe, no chão
Prostra a fronte por Allá?

Se lá cresce a larangeira
Pelas encostas do val:
Aqui, viceja a palmeira
Sobre as ondas d'areal:
Mal aqui rompe a manhã
Sae o arabe do Kan,
Prende á cinta o yatagan,
O trabuco e o punhal!

E se nos ares se atêa
Ignea chama; — e rouco som
Sae fervente co'a a arêa
Nas golfadas do Simuon;
Roja o corpo, e vaga incerto
Sobre as ondas do deserto,
A correr em leito aberto
Como as agoas do Cedron!

Mas se das garras do p'rigo
Eu me escapo com valor;
E a vista do inimigo
Vem trazer-me outro maior;
Então parto a toda a brida,
Como um raio na corrida,
Embebendo em cada f'rida
O meu sedento furor.

Venha aqui o viajante
Contar feitos lá do Cid...
Que se me ponha adiante
A disputar-me o Dgerid;
Que lhe posso aqui mostrar
N'um só golpe que hei-de dar
A cabeça a rebollar
Decepada n'essa lide.

Traz em braza a fronte ardente
Quando nasce aqui o sol;
Ferve o sangue do oriente
No matutino arrebol;
Ergue a fronte soberana
A Naka que já se ufana
De mirar a caravana
Serpeando arida molle.

Roe d'inveja aos potentados
Meu rico manto d'Emir;
E meus cofres entulhados
Do oiro puro de Ophir,
Escarneço de peloiros,
Se manto quiz e thesoiros
Fui ganhal-os entre loiros,
Co' os golpes que eu sei brandir.

Sou senhor e soberano
Dos dezertos, té Sahára
Sou Arabe e Musulmano
Das tribus de força rara:
Sou das orlas do oriente
Sou Emir da forte gente
Sou da raça mais valente
D'esta plaga não avára.

Almada.

COSMOS.

802 Logo que vimos annunciada a traducção em francez do 1.° volume do *Cosmos* d'Alexandre d'Humboldt, o communicámos ao publico na REVISTA, dando uma idéa da importancia extraordinaria de um tal trabalho de tão sabio escriptor. E ahi promettemos traduzir em portuguez aquelle volume, por nos julgarmos a isso obrigados em satisfacção de nossas promessas anteriores, que d'este modo muito melhor desempenhariamos.

Agora, por identicos motivos e com a mesma promessa — annunciámos ao publico a *traducção franceza do tomo 2.° do Cosmos do mesmo auctor, per C. H. Galuski.*

Este volume é dirigido a maior numero de leitores. Ao quadro do mundo physico, fez o auctor succeder neste volume o reflexo da naturesa no coração e na imaginação do homem; é ainda o mesmo quadro, mas visto por outra face, que o torna mais atractivo. Assim, est[illegible]bjecto occupa sómente a primeira e a menor parte do livro. Na 2.ª parte M. d'Humboldt mostra porque esforços, os antigos e os modernos se teem elevado pouco a pouco a esta idéa do *Cosmos*, á idéa do complexo e da harmonia do mundo; relata e aprecia, com a auctoridade de sua experiencia, todos os acontecimentos e todas as descobertas, que tem apressado o progresso das sciencias physicas e o conhecimento mais geral da naturesa. Assim, a sciencia, a historia, e a poesia se acham reunidas neste livro, de maneira que offerecem ao espirito a mais satisfatoria composição, e a mais poderosa distracção. *J. L. A. Frazão.*

NOTICIAS.

CUMPRIMENTO DE UM LEGADO REAL.

Sr. *Redactor.*

803 Quando vêmos acabar tantas coisas boas em Portugal, é uma consolação para os corações verdadeiramente portuguezes, saber que ainda restam nesta nossa terra alguns dos piedosos legados dos nossos antepassados, e dos bons reis de Portugal; é por estes motivos, que me animo a pedir-lhe, queira dar cabida na REVISTA, ao seguinte artigo.

Sou de V. Amigo velho.
Marquez de Penalva.

Ao Mosteiro de S. Diniz, de Odivellas, de Religiozas Cistercienses, foram legados certos fóros pelo seu fundador, o nosso rei D. Diniz, com a condição expressa de que, parte destes fóros seriam applicados para um jantar, ou *bôdo*, que annualmente deve ser distribuido a todos os pobres, que comparecerem na portaria do Mosteiro, no dia 9 de outubro, em que a egreja celébra a festa de S. Diniz, dia em que nasceu o rei deste nome, e fundador da egreja e mosteiro de Odivellas, cujas Religiosas teem sido sempre fieis executoras de tão piedoso legado.

Este anno assim como nos passados, houve o já mencionado bôdo, e, julgando será agradavel a narração do cerimonial observado nesta piedosa acção, (que já conta mais de 5 seculos) direi que acabada a festa de egreja, se dirigiu toda a communidade de Cruz alçada á portaria, prezidida pela abbadessa, com o seu baculo abbacial: — depois de reunida a communidade, veio o padre confessor de capa de asperges, acompanhado pelo diacono e subdiacono, benzer o jantar dos pobres, que estava sobre uma meza na portaria. No espaçoso alpendre tinham posto largas mezas, cobertas com aceadissimas toalhas, e, em bancos estavam assentados convenientemente os pobres convivas! . . . os que o mundo despreza! . . . Os filhos mimosos de Jesu Christo! — Depois da benção da meza, principiou a distribuição do jantar, sendo as Religiosas, que o passavam para fóra, onde era repartido aos pobres pelos padres Confessor e Capellão, e pelo Procurador do Convento. Guardou-se a maior e melhor ordem, em toda esta festa verdadeiramente catholica e portugueza. O bôdo constava de bom arroz, vacca, um pão a cada pobre, maçãs, bolos, e por antiga usança tambem tremoços: quatrocentos pobres foram os soccorridos no dia 9, e no seguinte foi enviado um egual jantar aos presos do Limoeiro, tambem por disposição de elrei D. Diniz. Cumpre neste logar bem dizer a memoria deste piedoso monarcha, e que 5 seculos depois de sua morte, ainda atrae ás bençãos de seus antigos póvos.

Possam tão bons exemplos servir de estimulo e incentivo a todos os grandes do mundo e de Portugal.

Seria muito para dezejar, que os fogos de artificio, musicas, etc. tanto em voga nas festas de nossos tempos, fossem substituidos por jantares aos pobres, á imitação do que houve em Odivellas: e que um coração portuguez e catholico, (comprazemo-nos em repetil-o) nunca poderá presencear sem viva emoção. Permitta-nos a modestia da dignissima abbadessa, e mais Religiozas de Odivellas, que lhes consignemos, aqui, os devidos louvores, pela fidelidade com que cumprem as determinações de seu augusto fundador.

NOTICIAS AGRICOLAS.

804 A venda de semente de Sainfoin foi este anno extraordinaria. Não tem havido sementes para satisfazer a procura. Este facto prova o augmento dos pastos artificiaas, indicio seguro, que a creação dos nossos gados vae tomando corpo, acrescendo, que nos terrenos de regadio é já mui commum a luzerna.

Das immediações de Peniche nos escrevem noticiando, que a producção do vinho foi consideravel e que se está vendendo na adega, a 1$500 réis a pipa. Parece que pela difficuldade dos transportes, grande parte será queimada.

Do termo de Obidos nos communicam identicas ne-

ticias, e que o vinho se vende de 40 a 60 réis o almude em mosto.

Novamente insistimos em que os nossos assignantes e leitores, avaliando a importancia destas noticias, se dignem remetter-nos as informações, que julgarem mais uteis ácerca do estado da producção agricola.

GREMIO LITTERARIO.

Folgamos muito em poder communicar ao publico as seguintes noticias, que attestam o progressivo desenvolvimento, que vae tomando o Gremio Litterario.

805 Domingo 15 de Outubro constituiram-se, a classe de sciencias mathematicas e physicas, e a classe de engenharia e sciencias militares.

A primeira nomeou presidente o Sr. José Feliciano da Silva Costa, secretarios José Osorio de Castro Cabral e Albuquerque, e F. M. Sousa Brandão.

A segunda elegeu, presidente o Sr. Albino Ferreira de Figueiredo e Almeida, secretario, J. Gonsalves Mattos Corrêa.

No dia 18 constituiu-se a secção de litteratura: — nomeou para seu presidente o Sr. Garrett: — vice-presidentes — os Srs. A. Herculano e Vial, secretarios os Srs. Corvo, e A. de Serpa.

O RETRATO DE D. SEBASTIÃO.

806 Pelo *Angrense* de 21 de Setembro, tivemos a satisfacção de receber a nova, que no dia 11 do referido mez, foi transferido o retrato de Elrei D. Sebastião da casa, que dava entrada para a sachristia da Egreja do Collegio, para a sala do docel do palacio do governo.

Folgamos com este preito ao passado heroico de Portugal. Esta preciosidade foi alumiada pela luz da imprensa, quando o Sr. Garrett, em uma das notas ao seu drama *Fr. Luiz de Sousa* escreveu:

« De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais authentico é o que está ou « estava pelo menos até 1832 em Angra na Ilha Terceira, no Palacio do Coverno, que antigamente fôra Collegio dos Jezuitas. — É tradição ter sido para « alli mandado por Elrei mesmo em sua vida. Muitas « vezes contemplei longamente aquelle retrato na minha mocidade, e por elle é feita a descripção que « puz na boca de Maria. »

A descripção a que se refere a nota é a seguinte, que extraímos do drama:

« *D. Maria de Noronha falla com o seu pagem:* — « Mas então vamos, tu nada me dizes do retrato. Olha: « aquelle do meio, bem sabes se o conhecerei, é do « meu querido e amado Rei D. Sebastião. Que mages« tade! Que testa aquella tão austera, mesmo d'um « rei moço, e sincero ainda, leal, verdadeiro, que « tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que ha « de engrandecer e cobrir de gloria o seu reino! El« le alli está. E pensar que havia de morrer ás mãos « de Mouros, no meio d'um deserto, que n'uma ho« ra se havia apagar toda a ousadia, que está naquel« les olhos rasgados, no apertar daquella boca... »

Quando em 1845 a ruidosa existencia e acaloradas discussões da Sociedade Philomatica de Lisboa, a quem a mocidade tanto deve, deu origem a identica sociedade na Ilha de S. Miguel, a pedido do Director da Sociedade Escholastico Michaelense, o mui estudioso e intelligente redactor do *Angrense*, o Sr. Felix José da Costa, escreveu ácerca do retrato, e na descripção breve, mas acertada, que fez nas seguintes linhas, provou que o Sr. Garrett havia fielmente copiado na phrase o que estava na tela.

Eis aqui a descripção do Sr. F. J. da Costa.

« O retrato é de todo o corpo, pintado sobre escuro. « O Rei está com vestido de malha, espadim, calção « preto, botas de montar com esporas. — Tem á roda « do pescoço um roquete branco, — punhos brancos, « e luvas de côr cinzenta. Na mão direita tem o sce« ptro, e pendente sobre o peito a fita e a insignia « da ordem de Christo. Não tem inscripção alguma. « Ao lado esquerdo tem um pequeno bofete sobre que « está um elmo com pluma azul; e no alto do quadro « ao lado direito as armas de Portugal. »

A transferencia do retrato foi por alvitre do Sr. Senna Freitas, em virtude das promptas ordens do Sr. Governador Civil.

Os nossos louvores abrangem todos quanto concorrerem para que homenagem seja tributada ao rei christão e soldado, que só pela sua desventura não foi um dos maiores dos nossos reis.

THEATRO DE D. MARIA II.

807 No dia 16 do corrente assistimos á primeira representação do *Vampiro*, comedia em 5 actos, escripto em italiano, e traduzido pelo Sr. Felner. A eschóla italiana não se deixou ainda impregnar de todo pelas exaggerações da eschóla franceza, e talvez por isso algumas pessoas hesitem em concordar, com a opinião que vamos emittir que o *Vampiro*, é uma excellente composição, singela, e graciosa, com o enredo mui natural, e com situações extraordinariamente comicas, e algumas novas. Agradou, e nós folgamos com isto, para vêr se o nosso theatro se levanta da imitação servil do theatro francez, para o horisonte infinito da arte, que se não resume em uma só eschóla, e n'esta eschóla em um só genero.

A traducção do Sr. Felner faz-lhe honra. É portuguez de lei tudo quanto se ouve.

Ainda que o *Vampiro*, pelo chiste do seu enredo, e boa execução dos actores, não fosse, como é, um espectaculo, em que se passam alegremente tres boas horas da vida quasi sempre tão triste, bastava o primor e esmero da traducção, para nós a recommendarmos com empenho. Consta-nos, que brevemente se representará o drama do Sr. Lopes de Mendonça, de que já demos noticia.

COMMERCIO.

808 — Cereaes.

Em 12 do corrente ficaram existindo na alfandega do terreiro 7,609 moios de trigo, 2,428 de cevada, 977 de milho, e 167 de centeio: os preços, por alqueire, foram — trigo, 380 a 460 réis — cevada, 220 a 260 — milho, 320 a 360 — centeio, 280 a 320.

Em 18 de outubro.

Trigo do reino rijo	de	320	a	420	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	440	»	»
» da ilha	de	330	a	380	»	»
Milho do reino	de	290	a	300	»	»

Milho da ilha	Não ha.	
Cevada do reino	de 180 a 190	réis a bordo.
» da ilha	de 180	» »
Centeio do reino	de 200 a 220	» »

Os preços ultimos na Irlanda — libras 9 »10, e libras 9 — 12 por tonelada

Em Liverpool — 37 e 38 por 480 arrateis portuguezas.

Os mercados um pouco frouxos.

— Montemór o-Velho 11 do corrente.

Trigo tremez, por alqueire . 380 — milho, 260 — cevada, 160 — azeite, 1$160.

— Escrevem nos do Porto em 14 do corrente.

O preço dos cereaes regula do modo seguinte — trigo da terra, 600 a 800 réis — das ilhas, 400 a 500 — milho, 340 a 350 — cevada, 260 a 280 — centeio 340 a 350.

O apparecimento da chólera em Hamburgo, causou mui grande extracção ao vinho do Porto: os medicos, tanto ahi como em S Petersburgo, o consideram um dos mais seguros preservativos Hontém fallava se muito na Praça sobre a conveniencia de fazer algumas remessas para as cidades Ansiaticas.

— Praça de Lisboa, 18 de outubro.

Fundos publicos de 5 por cento — venda, 48 a 8 e meio — compra, 47 a 47 e meio — com o juro recebido, 45 e meio a 46 — de 4 por cento, a 40 — da loteria 5 por cento, 40. Cautelas de 3 por cento, 25 a 29. Acções do Banco de Portugal, 438$000 réis a 440$000. Acções sobre o fundo de amortisação, 44 a 45 por cento, de quantias até 10$000 réis tem havido vendas por 50. Titulos azues, papel-moeda, e tres operações conservam os preços anteriores.

A Direcção do Banco de Portugal avisou os seus credores por emprestimos sobre acções do Banco de Lisboa, e Companhia Confiança Nacional, para comparecerem até ao dia 15 de novembro proximo, para redusirem os ditos emprestimos a metade do representativo, ou para destractarem, recebendo o Banco em pagamento nominal por nominal as acções dadas em penhor. Aos que não comparecerem, como é de seu interesse, se applicará a disposição do artigo 12.° do Regulamento, procedendo-se á venda dos penhores pelo modo alli declarado.

— Agio das Notas de 12 a 18 de outubro.

Por moeda.

	Compra.	Venda.
12.	1$910. . . .	1$980
13.	»	»
14 a 18.	»	»

Os cambios effectuados na Praça á partida do paquete do norte, em 9, foram os mesmos da malla anterior.

— Na Praça de Londres, em 6 de outubro, foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco			Fechados.		
Consolidados	3	p. %	$86\frac{1}{8}$	$\frac{1}{4}$	Por 100.
Redusidos	3	»	Fechados.		»
Fundos	$3\frac{1}{4}$	»	Dito.		»
Exchequer bills			30	3 março	Premio.
			27	30 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$	»	70	72	»
Brasileiros	5	p. %	72	74	Por 100.
Dinamarquezes . . .	3	»	—	—	»
Hispanhoes	5	»	$11\frac{1}{2}$	12	»
D.os	3	»	23	$23\frac{1}{2}$	»
Hollandezes	4	»	69	$\frac{1}{2}$	»
D.os	$2\frac{1}{2}$	»	45	$\frac{1}{2}$	»
Mexicanos	5	»	$18\frac{3}{4}$	$19\frac{1}{4}$	»
Portuguezes	4	»	$24\frac{1}{2}$	25	»
D.os consolid., 1841		—	$23\frac{1}{2}$	$24\frac{1}{2}$	»
D.os divida interna.		—			—
Russos	5	»	99	100	»

— Na mesma Praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		$51\frac{3}{4}$		Por 1$000 rs.
Porto		$51\frac{7}{8}$		»
Rio de Janeiro		$22\frac{1}{4}$		»
Bahia		—	—	—
Amsterdam	12	1	$\frac{1}{4}$	£
Hamburgo	13	$11\frac{1}{4}$	$\frac{1}{2}$	»
Paris	25	35	40	»
Genova	62	5	10	»
Trieste	11	5		»
Vienna	11			»
Madrid		47		Pozo.
Cadiz		$48\frac{1}{4}$	$\frac{1}{2}$	»
Calcutta		21		R.s
Bombaim		$21\frac{1}{2}$		»
Madras		21		»

— Generos em Londres em 3 de outubro.

	s.	d.	s.	d.	Por
Algodão de Pernambuco . . .	0	5	0	6	£
» do Maranhão, regular .	0	$4\frac{7}{8}$	0	$5\frac{1}{2}$	»
» Pará e Minas . . .	0	$4\frac{3}{8}$	0	$4\frac{7}{8}$	»
» da Bahia.	0	5	0	$5\frac{1}{4}$	»
Assucar do Rio, escuro e amarello.	32	0	36	0	112 £
» » branco. . . .	37	0	41	0	»
» Bahia escuro e amarello .	33	0	37	0	»
» » branco	38	0	43	0	»
» de Pernambuco escuro e amarello	33	0	36	6	»
» » branco .	37	0	42	0	»
Café (cap.) Brasil ordinario . .	24	0	26	0	»
» » fino. . . .	27	0	31	0	»
Dentes de elefante desp. grandes	29	0	34	0	»
Trigo inglez do melhor	50		63		qr.
» » inferior. . . .	41		52		»
» do Baltico.	40		65		»

EXPEDIENTE.

— O excellente artigo do Sr. Roque Fernandes Thomaz contendo noticias de muita utilidade, ácerca das Instituições Agricolas, mórmente na Inglaterra, será um dos primeiros, que se hão de publicar no 1.° volume da nova serie.

— Lêmos o artigo do Sr. Blanchet ácerca da illuminação a gaz. — Os conhecimentos praticos do auctor habilitam no para tractar o assumpto, de modo que o seu escriplo dispensa em grande parte o trabalho, que sobre esta materia estavamos fazendo.

Será tambem publicado em a nova serie, bem como muitos outros artigos, que de varios dos nossos illustres collaboradores param em nosso poder.

— A carta que nos escreve do Porto o Sr. F. C. da C. d'Albuquerque, será convenientemente respondida.